

LIVRO DE RUTE: LEITURA CONTEMPORÂNEA, REFLEXÃO LITERÁRIA DA CONDIÇÃO FEMININA E A VALORIZAÇÃO DAS MEDIDAS SOCIOPROTETIVAS PRESENTES NA TORÁ

Cláudia Andréa Prata Ferreira (UFRJ)¹

Resumo: O Livro de Rute, na Bíblia Hebraica, pertence ao *corpus* denominado *Ketuvim* (“Escritos”), mas também faz parte das *Meguilot* (“rolos”). Estes são cinco “rolos” que fazem parte do ciclo de leituras da sinagoga e são lidos nas festividades judaicas: *Shir HaShirim* (Cântico dos Cânticos) é lido na festa de *Pessach* (Páscoa), Rute é lido na festa de *Shavuot* (Pentecostes), *Eichá* (Lamentações) é lido na festa de *Tishá BeAv* (memória da destruição do Templo e de Jerusalém), *Qohelet* (Eclesiastes) é lido na festa de *Sucot* (Tendas) e Ester é lido na festa de *Purim* (Sortes). Um particular nas *Meguilot* é o protagonismo da mulher, que, de certa forma, desafia um “parecer negativo” presente no livro de *Qohelet*.


Palavras-chave: Bíblia Hebraica; Livro de Rute; Protagonismo Feminino; Medidas Socioprotetivas.

O Livro de Rute faz parte das Cinco Meguilot (“rolos”). Na Bíblia Hebraica estão reunidas no terceiro grupo designado por *Ketuvim* (“Escritos”) e pertencem ao ciclo de leitura sinagoga. As meguilot são lidas nas festividades judaicas de *Pessach*/Páscoa (Cântico dos Cânticos), *Shavuot* /Pentecostes (Rute), *Tishá BeAv*/Memorial pela destruição do Templo e de Jerusalém (Lamentações), *Sucot*/Festa das Tendas (Eclesiastes) e *Purim* (Ester).

Na Torá (Pentateuco) encontram-se três categorias de pessoas que recebem particular proteção de YHWH (Deus) porque são consideradas dependentes: o órfão, a viúva e o estrangeiro (cf. Ex 22,21; Dt 10,18; 14,19; 16,11.14; 24,17-21; 26,12-13), prevendo, inclusive, uma maldição para quem maltratar tais pessoas (cf. Dt 27,19).

O livro de Rute, nesse sentido, é particularmente relevante para o estudo sobre a condição feminina e as medidas socioprotetivas previstas na Bíblia. Rute é viúva, pobre, talvez órfã de pai (cf. Rt 1,8) e que, ao se decidir por seguir e permanecer ao lado de sua sogra Noemi, torna-se também estrangeira em Belém por ser moabita. Rute, na dinâmica da Bíblia Hebraica, é uma espécie de memória que evoca o sentido da libertação do cativo egípcio. Na sua pessoa, a aplicação da legislação de cunho social, prevista para proteger os mais necessitados, ganha novos contornos éticos.

¹ Prof^a. Dr^a. Cláudia Andréa Prata Ferreira, Associada III. Setor de Língua e Literatura Hebraicas - Dep^{to} de Letras Orientais e Eslavas - Faculdade de Letras – UFRJ. Graduada em História (UFF), Graduada em Letras Português-Hebraico (UFRJ), Mestre em Teoria Literária (UFRJ), Doutora em Poética (UFRJ). Contato: claudiaprata@letras.ufrj.br.



A personagem Rute, como protagonista do livro que leva seu nome, evidência e põe em destaque a ação da mulher no que diz respeito ao seu valor, ao resgate da sua dignidade e à participação da mulher na luta pela execução dos direitos previstos na Torá; condição que mostra como a libertação exodal continua vigorando no antigo Israel.

De tal forma, procuramos evidenciar a realidade e o significado da experiência feminina e as questões sociais que o livro reflete. Alguns importantes conceitos são relembrados tais como as leis que tratam de questões sociais que se referem ao pobre, ao estrangeiro, aos órfãos e viúvas, trabalhadores, atitudes de tolerância e benevolência (cf. Lv 19,9-10; 23,22 e Dt 24,20-22). A narrativa de Rute torna-se, portanto, uma espécie de resgate da legislação social que objetiva reestabelecer procedimentos justos para com a camada social menos favorecida.²

O estudo da Bíblia, valorizando o ponto de vista da mulher já ocorre há mais de cem anos. Contudo, só nas últimas duas décadas começou a ganhar visibilidade e maior relevância na área de estudos bíblicos, além de acrescentar novos critérios que possibilitem aprofundamento na investigação sobre a mulher e o seu importante papel e protagonismo na sociedade do antigo Israel e como isso pode ajudar a sociedade atual. No ano de 1993, o documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, elaborado pela Pontifícia Comissão Bíblica, registrou positivamente as contribuições da exegese feminista à interpretação da Bíblia.

A Pontifícia Comissão Bíblica afirma que “a hermenêutica feminista não elaborou um método novo. Ela se serve dos métodos correntes em exegese, especialmente do método histórico-crítico.” (2004, p. 79). Ressalta ainda que “deve-se distinguir várias hermenêuticas bíblicas feministas, pois as abordagens utilizadas são muito diversas” (2004, p. 78). Quando a hermenêutica teológica é realizada na perspectiva feminista está subentendido que, sem negar outras interpretações, procura-se atribuir um significado a um aspecto do texto sagrado que a exegese ainda não ressaltou ou que, simplesmente, esqueceu. Além disso, essa hermenêutica procura avaliar o posicionamento inicial a respeito do texto sagrado com o estabelecimento de novos significados por parte da comunidade atual. (Citação de CANDIOTTO, 2015, p.200-201)

² Pós-doutorado (em andamento 2017-2 e 2018-1) em Teologia Bíblica na PUC-Rio. Tema: Reflexão linguística e literária do livro de Rute: a condição feminina e a valorização das medidas socioprotetivas presentes na Torá.

Shalosh Regalim

A festividade de *Pessach* é o primeiro dos *shalosh regalim*, os três festivais de peregrinação (*Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*), datas máximas do calendário judaico bíblico, quando os judeus convergiam para Jerusalém, para celebrar e trazer as oferendas ao Templo. *Pessach* celebra a libertação do Povo Judeu da escravidão egípcia; *Shavuot*, a Revelação Divina no Monte Sinai e o recebimento da *Torá* (Pentateuco) – o principal propósito da saída do Egito; e, *Sucot*, a proteção Divina com a qual foi agraciada a geração de judeus que foi libertada do Egito após os 40 anos em que percorreu o Deserto do Sinai. Na segunda noite de *Pessach*, iniciamos a *Sefirát HaÔmer*³, contando 49 dias entre *Pessach* e *Shavuot*, dia em que a *Torá* foi outorgada ao povo de Israel. Esta contagem foi ordenada por Deus e serve como preparação ao povo para o recebimento da *Torá*. A palavra hebraica *sefirá* basicamente significa cálculo ou contagem.⁴ Pode-se considerar, portanto, *Shavuot*, de certa forma, como a conclusão da festa de *Pessach*. Seu próprio nome, que significa “Semanas”, evidencia a ligação entre ambas.

Shavuot

A festividade de *Shavuot* é vista como o feriado que lembra o dia em que Deus deu ao povo judeu a *Torá*, logo após a descida de Moisés do Monte Sinai. Contudo, na *Torá* não há referências que o feriado de *Shavuot* é de qualquer maneira relacionado com *Matan Torá* (a outorga da *Torá*). Na Bíblia, *Shavuot* é estritamente um festival agrícola, que marcava a transição entre a colheita de cevada - que era trazida ao sacerdote no Templo de Jerusalém em 16 de *Nisan* (*Pessach* cai em 14 de *Nisan*) - e o começo da época de amadurecimento do trigo, que começava na primeira semana do mês de *Sivan*. A *Torá* se refere à *Shavuot* por várias expressões: 1) como *Chag haKatzir*, a festa da colheita (Ex. 23,14-19); 2) como *Chag haShavuot*, o festival das semanas (Nm 28,26); e 3) como *Iom haBikurim*, o dia dos primeiros frutos, das primícias, quando os lavradores traziam seus

³ *Sefirat Ha'Omer*, a contagem de sete semanas entre os dois feriados, nos lembra simbolicamente que, de acordo com o pensamento judaico, o que importa não é libertar-se de alguma coisa, mas libertar-se para alguma coisa. A liberdade não tem sentido se não for acompanhada do compromisso para com um ideal.

⁴ O período que separa *Pessach* de *Shavuot* (sete semanas) é o período para que o grupo (judaico) se prepare para o recebimento da *Torá* (Pentateuco). No grupo cristão é o período de Ascensão que separa a Páscoa cristã de sua próxima data, Pentecostes (a festa de *Shavuot* ressignificada), que no contexto cristão é a comemoração da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos.


produtos ao Templo, como oferenda (Lv 23,9-22). Portanto, sempre significados agrícolas.

A festividade de *Shavuot* foi ressignificada após e em consequência da destruição do Segundo Templo (ano 70 E.C.).⁵ Ocorreu uma transformação notável no caráter do festival. Com base no versículo “No terceiro mês de saírem os filhos de Israel da terra do Egito, neste dia chegaram ao deserto do Sinai” (Ex 19,1), o festival tornou-se o aniversário da outorga da *Torá* (*zman matan torateinu*, “o tempo da doação de nossa *Torá*”). A festividade perdeu seu caráter primariamente agrícola e de festa de peregrinação ao Templo para receber um novo significado, uma nova dimensão, a dimensão espiritual. O novo significado da festividade de *Shavuot* foi intenso e para compensar a inexistência de cerimônias bíblicas conectadas com a outorga da *Torá* foram criadas: a introdução do *tikun leil Shavuot*⁶ e a leitura do livro de Rute. Observamos algumas razões para a leitura do Livro de Rute na festividade de *Shavuot*: 1) O Livro de Rute descreve detalhadamente a beleza da época da colheita, que coincide com *Shavuot* – resgate de seu caráter agrícola. Os judeus podem estar espalhados em várias comunidades pelo mundo, mas a liturgia, as festas judaicas e a leitura do livro de Rute fortalecem os laços que os ligam a esta terra especial. 2) No Livro de Rute alguns importantes conceitos são lembrados tais como as leis que tratam de questões sociais que se referem ao pobre, ao estrangeiro, aos órfãos e viúvas, trabalhadores, atitudes de tolerância e benevolência (Lv 19,9-10; 23,22 e Dt 24,20-22). Desta forma, podemos afirmar que o livro de Rute reaviva tal como o relato do cativo egípcio, uma preocupação com os “direitos humanos” e as “questões sociais” no “grupo judaico”.⁷

⁵ Citação de datas: Segue a tendência internacional para pesquisas de culturas não cristãs: a.E.C. (antes da Era Comum) = a.C. (antes de Cristo) e E.C. (Era Comum) = d.C. (depois de Cristo). Ver ainda o artigo de KIRSCHBAUM (2003).

⁶ De acordo com o *Midrash* (“Interpretação”), na noite anterior à entrega da *Torá* no Monte Sinai, os israelitas adormeceram e tiveram que ser acordados por Moisés com trovões e relâmpagos. Para compensar o desrespeito, indiferença e insensibilidade dos “nossos” antepassados, para reparar aquela afronta a Deus, passamos a noite em claro, estudando, demonstrando assim que estamos plenamente conscientes da importância do evento e aguardamos com grande expectativa a Revelação. O costume tem o nome de *tikun leil Shavuot*, literalmente “o aprimoramento da noite de *Shavuot*”. Os mais observantes passam a noite inteira estudando trechos dos livros sagrados – *Tanach* (Bíblia Hebraica), *Mishná* (“Aquilo que se repete” - leis, debates e explicações sobre as *Mitzvot* da *Torá* e os versículos do *Tanach*), *Talmud* (“Aquilo que se ensina” – acréscimos, explicações e debates sobre o que consta na *Mishná*), *Zohar* (“Esplendor”, uma das obras mais conhecidas e influentes da *Cabalá*) - lendo poemas litúrgicos e recitando orações. Nas comunidades mais liberais, realiza-se um *Lernen* de *Shavuot*, uma sessão de estudos ou uma discussão em grupo sobre um tema judaico de interesse geral.

⁷ Tomamos a liberdade do uso do anacronismo para melhor compreensão das ideias que pretendemos desenvolver no presente trabalho.



Torna-se, portanto, uma espécie de resgate da legislação social que objetiva reestabelecer procedimentos justos para com a camada social menos favorecida.

Contextualizando o Livro de Rute

O *Livro de Rute* apresenta uma história ambientada no tempo dos juízes, mas os seus escritos são antagônicos aos de Juízes. Na realidade, o *Livro de Rute* data da época pós-exílica, mais provavelmente do período persa (séculos VI-V a.E.C.). A Tradição Judaica atribui a autoria do livro de *Rute* a Samuel, mas na realidade a autoria é desconhecida. A maioria dos estudiosos concorda que o redator é um deuteronomista. Quanto ao gênero literário o Livro de Rute é considerado como sendo uma novela.

O perfil dos redatores deuteronomistas

A reafirmação dos valores deuteronomísticos, abandonados pelos deportados e sacerdotes, que incluíam a proteção à viúva, ao estrangeiro e ao órfão, além de reafirmar “Iavé” como único Deus, valores que contestavam o tributarismo, por tantas vezes impostos pelas várias monarquias.

Os livros de *Esdras e Neemias* constituem as principais documentações bíblicas para o estudo do quadro histórico deste período: as reformas de Esdras (Esd 7,10; 7,12-22; 9,2; 10,15) e a crise agrária e as reformas de Neemias (Ne 5,1-5; 5,7-13; 5,14-15). Outra documentação de suporte são os textos dos profetas Ageu e Zacarias. O *livro de Rute* seria de certa forma uma resposta às reformas iniciadas por Esdras e Neemias e um convite ao leitor a uma análise mais crítica do panorama histórico, socioeconômico e religioso.

A autoria de mulher

Ao entrar no cenário da novela do Livro de Rute, sentimos fluir sentimentos de amor, cumplicidade, aliança, sororidade e solidariedade entre mulheres.⁸

As mulheres formam um grupo emudecido, com uma cultura e uma realidade cujos limites coincidem parcialmente com os limites do grupo masculino dominante, mas os limites do primeiro grupo não estão totalmente circunscritos pelos limites do segundo. Por um lado, isso significa que as mulheres estão emudecidas no sentido de que suas vozes não são ou não podem ser ouvidas na esfera oficial “que elabora o discurso” de uma sociedade. Mas, por outro lado, implica que a

⁸ Uma das possibilidades de leitura sobre a questão da autoria feminina vem justamente da teologia feminista – que ao longo da nossa pesquisa de pós-doutorado pretendemos desenvolver.

cultura das mulheres não deveria ser vista como um mundo separado e alienado da cultura dominante; ao contrário, deveria ser considerado um pano de fundo invisível para a cultura dominante. Na cultura feminina subterrânea, as mulheres redefinem a “realidade” baseadas em suas próprias perspectivas. No entanto, uma vez que elas também fazem parte da cultura dominante que as marginaliza, a linguagem que elas falam ou escrevem tem, muitas vezes, uma voz dual, pois conta uma história dominante e outra emudecida. (BRENNER, 2002, p.180-181)


O Livro de Rute que, narra na sua quase totalidade, um conto de mulher, protagonizado por mulheres: o ginocentrismo de Rute quebra o androcentrismo dominante na Bíblia. (BRENNER, 2002, p.113)

O que chama justamente a atenção sobre o texto é a personagem reunir três elementos fundamentais sobre as questões sociais e uma tríplice categoria protegida por Deus: ela é uma mulher e uma mulher **estrangeira, pobre e viúva**. Rute acaba tornando-se uma espécie de memória que liga a libertação do cativo egípcio a uma legislação de cunho social para proteger os pobres e excluídos (*Deuteronômio*). Na terra de Israel, as espigas ou os feixes de espigas, os frutos, as uvas e as azeitonas deixados nos campos após a colheita eram destinados ao órfão, à viúva e ao estrangeiro, que assim tinham algo para poder comer (Lv 19,9-10 e Dt 24,19). O proprietário não tinha o direito de raspar suas terras a ponto de nada deixar para os necessitados.⁹ A terra de Israel era considerada propriedade exclusiva de Deus (Lv 25,23)¹⁰. Diante de tal contexto, cada “proprietário de terra” deve se lembrar de que o solo não lhe pertence de todo, Deus empresta o solo.¹¹ O

⁹Alguns conceitos importantes constam no texto bíblico para compreensão do quadro com a preocupação dos “direitos humanos” e “justiça social”. Cf.: WOLPO, 2010. p.92. *Leket*: Uma ou duas espigas que caíam da mão durante a ceifa não devem ser recolhidas, e sim deixadas para que os pobres as recolham. *Shichechá*: Quem esqueceu as espigas ou feixes de espigas no campo durante a colheita, não pode voltar para pegá-los e sim deixar para os pobres. A mesma lei é válida para os pomares e vinhedos. *Peá*: O dono da terra ao colher no seu campo não deve ceifá-lo todo, e sim deixar um pouco de colheita nas extremidades para os necessitados. A *peá* também deve ser deixada nos pomares e vinhedos. *Peret e Olelot*: *Peret* é uma uva ou duas que desprendem-se de um cacho na hora da colheita. *Olelot* são cachos pequenos, cujas uvas são separadas. Deve-se deixar tanto o *peret* quanto os *olelot* no vinhedo, sem colhê-los, para que sejam colhidos pelos pobres. Ver Lv 19,9-10; Dt 24,19-21.

¹⁰ Cf. Js 22,19; Sl 85,2; Os 9,3; Jr 16,18; Ez 35,5.

¹¹ Outro importante conceito presente no texto bíblico é a *Shemitá*. A *shemitá* ocorre a cada sete anos na Terra de Israel. Durante este ano sabático, a Terra de Israel não pode ser cultivada. Quando se inicia este sétimo ano, todos os empréstimos e dívidas são cancelados. Além disso, todos eram obrigados a emprestar ao necessitado, dinheiro e alimentos sem juros. E também toda a safra agrícola, que cresce naturalmente, não podendo ter sido cultivada, pertence aos pobres, aos estrangeiros e aos animais domesticados. A *Shemitá* lembra ao povo judeu que toda a terra, na realidade, pertence a Deus e não ao homem. Cf. Lv 25,2-10; 25,20-22.35-40; Dt 15,1-2.



“proprietário” tem direito a usufruir de seu trabalho, mas os pobres devem poder também servir-se do solo para alimentar-se em caso de necessidade.¹²

No *Livro de Rute*, os pobres já não podiam catar os restos da colheita, a menos que os donos dos campos o permitissem (Rt 2,2). O que era um direito transforma-se em um favor. Rute, estrangeira, viúva e pobre, para poder alimentar a si e a sua sogra idosa, igualmente, viúva e pobre, depende de caridade; afinal ela é menos que uma serva; por isso, ela se considera como uma “estrangeira”, “estranha” sem a proteção da lei (Rt 2,10). Rute vai aos campos respigar e acaba no campo pertencente à Booz, que é da família de Elimelech (Rt 2,3), o marido falecido de Noemi, a sogra de Rute (Cf. Rt 2,2; 2,6-9; 2,15-16.). Booz permite que Rute respigue em seu campo, recomenda que não faça isso em outros campos, não saia dali e fique junto de suas servas. Booz recomenda aos seus servos que Rute colhesse as espigas do seu campo sem que fosse embaraçada, constrangida. Se Booz era um parente próximo não caberia a ele proteger Noemi sem que ela dependesse de Rute para sobreviver, ter o que comer? Afinal, Booz toma tais atitudes de proteção apenas por conta do parentesco com Naomi e sensibilizado pela dedicação de Rute a sogra ou havia algum tipo de constrangimento causado aos pobres nos campos ou até mesmo uma violência e abusos em relação às mulheres? Ou ambos os motivos provocam a reação de Booz?

Booz reconforta Rute e a convida a comer junto com os segadores, isso equivalia a estabelecer laços duradouros (Rt 2,14-17), e é então que Noemi se dá conta de que Booz é alguém (parente próximo e pode ser um resgatador, *goel*) que pode resgatá-las (Rt 2,20).¹³

¹² Cf. Zc 7,9-10: Deus defende a viúva, o órfão, o migrante e o pobre. Sobre a causa da viúva e do órfão: Ex 22,21; Dt 24,21-22; Is 1,17.23; 9,16; Jr 7,6; 22,3; Ez 22,7; Sl 82,3; Zc 7,9. Sobre a causa do estrangeiro ou migrante: Ex 22,20; 23,9; Lv 19,10; 25,35; Dt 15,11; Am 2,6; 5,12; 8,6; Is 3,15; 10,13; 11,4; Zc 7,10. Sobre a causa do pobre: Ex 22,24; 23,11; Lv 19,10; 25,35; Dt 15,11; Am 2,6; 5,12; 8,6; Is 3,15; 10,13; 11,4; Zc 7,10.


¹³ Sendo da família de Elimelech (marido de Noemi), Booz poderia ser considerado um redentor/resgatador, ou seja, alguém que preserva a propriedade de um parente empobrecido (ver Lv 25,29).

No contexto do *Livro de Rute*, a *lei do resgate*¹⁴ tem estreita ligação com a *lei do levirato*¹⁵, que concerne diretamente a Noemi e Rute.

A situação de Noemi é grave, pois viúva de Elimelech, ela também perdeu seus dois filhos, que não deixaram descendência. A amizade e solidariedade entre Naomi e Rute fazem com que mudem de tática na luta pela sobrevivência. Já não é mais a luta para respigar e garantir o alimento na época da colheita, mas traçar planos para o futuro, o foco passa a ser a situação da família (Rt 3,1). Noemi traça um plano e Rute segue as suas orientações, pois Naomi tem como ideia levar Booz a cumprir a *lei do resgate* (Rt 3,2-6). Afinal, Booz é o parente que deve cumprir o que manda a lei (Rt 3,8-9). Noemi se inspirou na história de Tamar, a esposa do filho mais velho de Judá (Gn 38,1-26) que, ao ficar viúva, se disfarça de prostituta para obrigar seu sogro a cumprir a *lei do levirato*. Noemi instrui Rute a convencer Booz a cumprir a *lei do resgate*. Rute, assim como Tamar, se prepara, enfeita-se, vai ao celeiro do campo de Booz e espera Booz dormir, para a execução do plano (Rt 3,4-7). Neste ponto da narrativa fica a dúvida: Rute quer que Booz cumpra a *lei do levirato* ou a *lei do resgate*? Como Booz exercerá o direito de resgate? A lei do resgate não obriga ninguém a se casar (ver Ne 5, 8-11). Booz cumprirá a *lei do levirato* (família) ou a *lei do resgate* (terra)? Na narrativa, os dois assuntos estão misturados e intrinsecamente ligados. Na passagem Rt 4,5-8 observamos a afirmação de que só adquire o direito de resgatar a terra de Noemi, aquele que aceitar casar-se com Rute. O tema sobre o resgate é recorrente – foi mencionado no segundo capítulo (Rt 2,15-23), como assunto central e também no terceiro capítulo, durante a conversa entre Booz e Rute (Rt 3,8-13). As palavras que predominam na narrativa são “resgatar” e “resgatar o nome”, o que demonstra onde está centralizado o interesse da perícopes Rt 4,1-12.

¹⁴ A lei do resgate estabelecia dois pontos principais: 1) Se alguém, por motivo de empobrecimento, fosse obrigado a vender a sua terra, então o parente mais rico tinha a obrigação de “resgatá-la”. Ou seja, ele devia comprá-la não para si mesmo, mas para dá-la ao parente pobre impossibilitado de fazê-lo (Lv 25,23-25). 2) Se alguém, por motivo de empobrecimento, via-se obrigado a vender-se a si mesmo como escravo, o parente mais próximo tinha a obrigação de “resgatá-lo”. Ou seja, ele devia pagar a soma necessária para que seu irmão recobrasse a liberdade (Lv 25,47-49). Esse parente próximo era chamado de “resgatador” (em hebraico, *goel*). O objetivo da lei do resgate era de defender e fortalecer a família no sentido amplo. A lei também impedia que um pequeno grupo acumulasse propriedades à custa dos mais pobres e impedia que as pessoas pobres viessem a perder a sua liberdade, tornando-se escravos de pessoas com maiores recursos.

¹⁵ A lei do levirato (Dt 25,5-10) estabelecia que se um homem casado morresse sem ter filhos, um de seus irmãos devia casar-se com a viúva, e o primogênito de tal união seria legalmente considerado como filho do falecido. O objetivo é o de perpetuar a descendência masculina, “o nome”, garantindo assim a continuidade da família e impedir que o patrimônio passe para as mãos de outros. Ver também a história de Tamar (Gn 38,1-26).



No breve diálogo entre Booz e Rute, Rute não pede um favor, mas apela para o direito que a lei lhe concede.¹⁶ Booz compreendeu o sentido das palavras de Rute (Rt 3,8-13).¹⁷ Observamos ao longo da narrativa como Rute, a viúva, estrangeira e pobre cresce na consideração dos que a cercam. Inicialmente, ela foi acolhida por Noemi, sua sogra (Rt 1,18), posteriormente ela foi recebida como filha de Abraão por Booz (Rt 2,11-12); e finalmente, com a união com Booz, agora é “toda a porta do meu povo”¹⁸ (Rt 4,11), que vê nela “uma mulher de valor”, título que também é dado a Booz e aos juízes de Israel (Rt 2,1; Jz 6,12; 11,1).

Considerações preliminares


1) Rute, a estrangeira, é a imagem de uma mulher corajosa do tempo pós-exílico, que colabora na construção de Israel, mas não de um Israel e de um judaísmo organizados e centralizados em torno do Templo, de monarquias e de leis excludentes. O *Livro de Rute* resgata as leis que garantem os direitos dos pobres e abrem uma perspectiva para a inclusão das mulheres estrangeiras.

2) Destacamos os argumentos de Frigerio (2007): Noemi e Rute ao se encontrarem sozinhas, viúvas sem filhos, [as mulheres] redirecionam a história, redefinem seus interesses, fazem a releitura das leis que garantem o pão, a terra, a descendência, o nome, o futuro. Elas tem a consciência de que precisam conquistar um *goel* [Booz] que coloque em andamento seu projeto e que leve a ser cumprido. A moldura androcêntrica da narração não é suficientemente forte para silenciar a voz, o protagonismo feminino. A

¹⁶ VIEGAS, 2017 trabalha no capítulo 3 de sua tese de doutorado, a ideia de que o texto é construído de forma a Rute e Booz agirem como pares para levar a bom termo o plano de Noemi.

¹⁷ Quando um homem falece sem deixar filhos, seu irmão deve desposar a viúva, para através de seus filhos preservar seu nome. Este costume era conhecido como “casamento por levirato”. Embora Booz não fosse irmão de Machlon (falecido marido de Rute e filho de Noemi), deveria também preservar seu nome, casando com a viúva, caso aceitasse ser seu redentor/resgatador. Booz reconhece que há outro parente que poderia ser o redentor e o convoca para uma conversa no portão da cidade na presença de dez homens entre os anciões da cidade como testemunhas, para que afirme se aceita ou não assumir esta responsabilidade, lembrando que uma resposta afirmativa acarretaria também a obrigação de casar com Rute, a viúva de Machlon. O parente aceitou comprar o campo (lei do resgate), mas quando foi colocada a questão de que ao comprar o campo de Noemi e da viúva Rute, ela também deveria ser redimida para preservar o nome e a herança do falecido (lei do levirato) a resposta foi negativa. Como este parente não aceitou ser o redentor, Booz ficou livre para assumir esta função. Observação: O menino que nascer será o herdeiro legal de Machlon (o falecido marido de Rute) e de Elimelech (falecido marido de Noemi) e é a ele que pertencerá o terreno. Onde, a razão provável da recusa do primeiro *goel* que temia com isso sofrer prejuízos na negociação. Como Noemi não tem mais idade para gerar filhos, apenas Rute fica como alvo da lei do levirato.

¹⁸ A porta (ou portão) da cidade é o lugar onde o povo se reúne para tratar das questões do seu cotidiano (temas sociais, administrativos, comerciais e até mesmo religiosos).



aliança de Noemi e Rute personifica uma parceria sororal e solidária. O pacto, a aliança, é confirmado e assumido no cotidiano, assegurando o pão; é selado na busca da felicidade futura – mulheres planejando e executando juntas.

3) Não podemos finalizar uma abordagem do *Livro de Rute* sem considerar sua costura final das questões sociais abordadas com a ideia do Messias. É da casa de David que sairá o Messias, o Redentor de Israel. No período do *Talmud* já estava consolidado no judaísmo a ideia de um Messias descendente de David. A narrativa cita explicitamente, ao final, David como descendente de Rute (Rt 4,18-21). Constatamos então, por intermédio da genealogia apresentada, que não apenas uma mulher pagã (Rute), mas sim duas (Tamar e Rute) são ancestrais do rei David. Quando os rabinos do período talmúdico incluem a história de Rute no cânone judaico e a louvam como a prosélita ideal (Dt 10,19), afirmam que a genética não é o fator primordial no judaísmo, mas sim a crença e a prática dos mandamentos (ALANATI, 2008, p.75-76).

Finalizando

Seguimos na direção de que a narrativa de Rute tem uma redação e perfil deuteronomista e a reafirmação dos valores deuteronômicos conforme mencionamos na contextualização do livro. Tal perfil não exclui a possibilidade de uma autoria feminina tal como vem sendo apontado pela teologia feminista. Um dos temas igualmente constante é o respeito ao estrangeiro fazendo Israel lembrar-se que foi estrangeiro e cativo na terra do Egito e sua libertação foi uma ação de Deus. Portanto, o *Livro de Rute* une temas e preocupações presentes e constantes nas três festas (*Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*) sobre os “direitos humanos” e as “questões sociais” além de refletir uma corrente universalista dentro do judaísmo.

Referências bibliográficas

ALANATI, Leonardo (Rabino). Releituras rabínicas do Livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, RJ: Vozes. Número 98, 2008/2. p.72-76.

BÍBLIA Sagrada de Jerusalém, A (BSJ). s.ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica. Edição de Estudos. São Paulo, Loyola: Paulinas. 2004.

BRENNER, Athalya. *Rute: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. *Teologia na perspectiva das relações de gênero: A contribuição da hermenêutica bíblica*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. A experiência das mulheres na hermenêutica bíblica. In: *Interações. Cultura e Comunidade*. Belo Horizonte: PUC-Minas, v.10 n.17, p. 200-215, Jan./Jun.2015.

DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. O Livro de Rute: uma leitura sobre o discurso e as relações de poder. In: *Atualidade Teológica*. Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Ano XVII, n.45 set./dez. 2013. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Teologia, Letra Capital, 2013. p.496-509.

FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres*. Construir a solidariedade a partir do Livro de Rute. São Leopoldo/RS: CEBI, 2007.


FRIZZO, Antonio Carlos. *A Trilogia Social: estrangeiro, órfão e viúva no Deuteronômio e sua recepção na Mishná*. Tese de doutorado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Departamento de Teologia, 2009.

KIRSCHBAUM, Saul. Sobre o caráter diacrônico dos festivais religiosos. São Paulo: *REVER*, /2003/. Fórum. Revista de Estudos da Religião. Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever/relatori/kirschbaum01.htm>>. Acesso em 08 de maio de 2004.

KITZINGER, Ângela Maringoli. *Messianismo - de Rute ao Brasil Contemporâneo: Sofrimento e Esperança – Rute 4,1-12*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESP/Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2011.

KRAMER, Pedro. *Origem e legislação do Deuteronômio: programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. São Paulo: Paulinas, 2002.

LOPES, Mercedes. O livro de Rute. *Ribla* 52 (2005/3) 88-100. Petrópolis: Vozes.



MEGUILAT RUTH. *The book of Ruth*. A new translation with a commentary anthologized from Talmudic, Midrashic and Rabbinic Sources. Brooklyn, Nova Iorque: Mesorah Publications, 2010.

MENA LÓPEZ, Maricel. *A Torá Feminina: introdução histórico literária*. Ribla 67 (2010/3). Meguilot. Enfoque feminista. p.9-28.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

SASSI, Katia Rejane. *Pentateuco Feminino*. Cinco livros proclamados nas festas judaicas. São Leopoldo, RS: CEBI, 2012.

_____. Desenrolando as cinco Meguilot festivas. *Ribla 67* (2010/3). Meguilot. Enfoque feminista. p.29-45.

SILVA, Airton José da. Leitura do livro de Rute: algumas dificuldades. *Observatório Bíblico*. São Paulo, Brasil: Blogspot. Disponível em: <<http://blog.airtonjo.com/2008/01/leitura-do-livro-de-rute-algumas.html>>. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

SILVA, Aldina. *Rute: um evangelho para a mulher de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2002.

SKA, Jean-Louis. *O Antigo Testamento: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*. São Paulo: Paulinas, 2015.

VIEGAS, Alessandra Serra. *Uma heroína chamada Rute: análise narrativa e intertextual de Rt 3*. Tese de doutorado em Teologia. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia da PUC-Rio, 2017.

WOLPO, Shalom Dov. *Conceitos judaicos*. São Paulo: Lubavitch – Brasil/Yeshivá Tomchei Temimim Lubavitch, 2012.

ZENGER, Erich. O Livro de Rute. In: ZENGER, Erich et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2016. p.184-194.